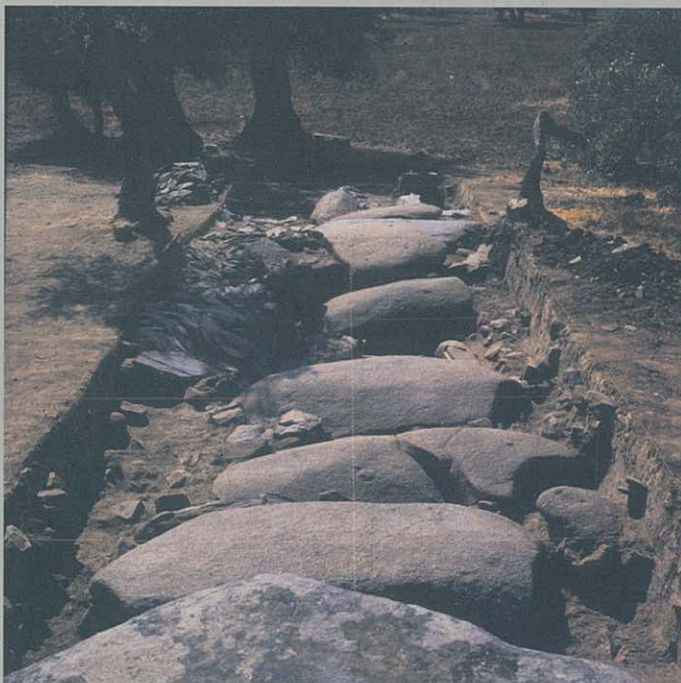


# OPHIUSSA



Nº ZERO, 1996

edições colibri

&

faculdade de letras de lisboa, instituto de arqueologia

OPHIUSSA

OPHIUSSA

Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa

Nº 1, 1996

Direcção: Victor S. Gonçalves (vsg@mail.doc.fl.ul.pt)

Secretário: Carlos Fabião (cfabiao@mail.doc.fl.ul.pt)

Conselho de Redacção:

Amilcar Guerra

Ana Margarida Arruda

Carlos Fabião

João Carlos Senna-Martínez

João Pedro Ribeiro

João Zilhão

Capa: Artlandia

Endereço para correspondência e intercâmbio:

Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras. P-1600-214. LISBOA. PORTUGAL

*As opiniões expressas não são necessariamente assumidas pelo colectivo que assume a gestão da Revista, sendo da responsabilidade exclusiva dos seus subscritores.*

Nota da direcção:

*Devido a circunstâncias de ordem vária, que seria desinteressante enumerar, tão diversas elas são, este número foi preparado para sair em 1995, mas só agora é publicado. Alguns textos foram muito ligeiramente revistos, mas o essencial, incluindo o texto de apresentação, refere-se àquela data, pelo que tem de ser contextualmente entendido.*

*A periodicidade futura de esta publicação será bienal, sendo o próximo número datado de 2002, com textos entregues até Dezembro de 2001.*

*No sentido de datar propostas científicas e de situar opiniões expressas, solicitou-se a todos os autores que indicassem nas suas contribuições a data de entrega dos originais, e, sempre que necessário, após o texto, a data de revisão última.*

*A partir do nº 2, inclusive, as normas de publicação são idênticas às adoptadas pelo Instituto Português de Arqueologia, na sua Revista Portuguesa de Arqueologia (<http://www.ipa.min-cultura.pt>).*

Dezembro de 2000

## ÍNDICE

### ALGUMAS HISTÓRIAS EXEMPLARES (E OUTRAS MENOS)

Victor S. Gonçalves .....	5
---------------------------	---

### A ARQUEOLOGIA PÓS-PROCESSUAL OU O PASSADO PÓS-MODERNO

Mariana Diniz .....	9
---------------------	---

### INTERPRETAÇÃO TECNOLÓGICA E PALETNOGRÁFICA DA OCUPAÇÃO PROTO-SOLUTRENSE DA LAPA DO ANECRIAL (PORTO DE MÓS)

João Zilhão; Francisco Almeida .....	21
--------------------------------------	----

### PARA UMA RECONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE NEOLITIZAÇÃO EM PORTUGAL

Joaquina Soares .....	39
-----------------------	----

### O MEGALITISMO DA GALIZA. NOTAS PARA UMA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

Ana Catarina Sousa .....	51
--------------------------	----

### DO ESPAÇO DOMÉSTICO AO ESPAÇO FUNERÁRIO: IDEOLOGIA E CULTURA MATERIAL NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO CENTRO DE PORTUGAL

João Carlos de Senna-Martinez .....	65
-------------------------------------	----

### PASTORES, AGRICULTORES E METALURGISTAS EM REGUENGOS DE MONSARAZ:

#### OS 4º E 3º MILÉNIOS

Victor S. Gonçalves .....	77
---------------------------	----

### ENDOVÉLICO E ROCHA DA MINA – O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Manuel Calado .....	97
---------------------	----

### A CERÂMICA CAMPANIENSE DO ACAMPAMENTO ROMANO DA LOMBA DO CANHO (ARGANIL)

Carlos Fabião; Amílcar Guerra .....	109
-------------------------------------	-----

### A OCUPAÇÃO ROMANA DO CABEÇO DO CRASTO, S. ROMÃO, SEIA

Amílcar Guerra; Carlos Fabião .....	133
-------------------------------------	-----

### NOVOS CONTRIBUTOS PARA A ARQUEOLOGIA DO ALGARVE ORIENTAL

Victor S. Gonçalves; Ana Margarida Arruda; Manuel Calado .....	161
--	-----

### OS SÍTIOS, «HORIZONTES» E ARTEFACTOS DE VICTOR S. GONÇALVES

Carlos Tavares da Silva .....	181
-------------------------------	-----

---

# PASTORES, AGRICULTORES E METALURGISTAS EM REGUENGOS DE MONSARAZ: OS 4º E 3º MILÉNIOS

Victor S. GONÇALVES<sup>1</sup>

---

## *Abstract*

*Opening with a brief introduction, this paper examines several situations related to the megalithic group of Reguengos de Monsaraz (Évora, Alentejo, Portugal), an area under much discussion lately (Leisner, 1951; Gonçalves, 1992, 1994, 1995...).*

### **1. Absolute chronology**

There are only 6 radiocarbon dates for the megalithic monuments and sites of Reguengos de Monsaraz. Two of these dates refer to the phases of the fortified settlement of Monte Novo dos Albardeiros (MNAL 1 and MNAL 2), reckoned in calibrated years to have taken place in the first and second halves of the third millennium, respectively. One date comes from TESP3, a non-fortified site near Torre do Esporão. The three remaining dates are contemporaneous with the first two and refer to the first phase of the *tholos* Olival da Pega 2b (OP2b), built as a satellite monument of dolmen 2 of Olival da Pega. Further use is made of 4 other complementary dates, obtained in a settlement further to the south, Sala nº 1 (SL1) to establish references for the phase of the fourth millennium of megalithism in Reguengos.

MONUMENT/SITE	TYPE	LEVEL	LAB	SAMPLE	BP	CAL BC, 2 $\sigma$
MNAL 1	habitat	1/1	ICEN	530	4060 $\pm$ 80	2886-2460
MNAL 2	habitat	1/1	ICEN	529	3760 $\pm$ 100	2470-1910
TESP3 (K8-K9)	habitat	Ab	OXa	5534	4010 $\pm$ 60	2850-2340
OP2b	<i>tholos</i>	7/7	ICEN	956	4180 $\pm$ 80	2920-2505
OP2b	<i>tholos</i>	6/7	ICEN	955	4290 $\pm$ 100	3303-2615
OP2b	<i>tholos</i>	5/7	ICEN	957	4130 $\pm$ 60	2900-2501
SL1	habitat	6/6	ICEN	444	4490 $\pm$ 100	3502-2910
SL1	habitat	5/6	ICEN	445	4490 $\pm$ 80	3491-2920
SL1	habitat	4/6	ICEN	447	4490 $\pm$ 110	3510-2910
SL1	habitat	3/6	ICEN	448	4140 $\pm$ 110	3018-2460

---

<sup>1</sup> Presidente do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Faculdade de Letras. PT-1600-214 LISBOA PORTUGAL.

## 2. Settlement strategy

The settlement of megalith builders is distributed and typified in at least four phases. The first phase is connected with the site Gorginos 6 and, maybe, the settlement of Pipas; the second phase, with Areias 15, TESP3 and Marco dos Albardeiros; the third phase with Monte Novo dos Albardeiros 1, Perdigões 1 and Castelo do Azinhalinho 2; the fourth phase with Monte Novo dos Albardeiros 2 and Perdigões 2. All these sites are distributed over the fourth and third millenniums.

---

### Phase 1

(?)-3500? (calendar years BC)

Camps in open areas. Bowls, spherical types. Dolmens.

### Phase 2

3500?-2900

Bigger settlements, still in open areas. Carinated bowls (at TESP3, 20 % of ceramic production), large dishes, spherical types. Dolmens of great dimensions.

### Phase 3

2900-2500

Fortified settlements with bastions. Large dishes. *Tholoi* build as satellite monuments of older dolmens.

### Phase 4

2500-1900

Camps, settlements in open areas. Big dishes still in use. Individual burials, funerary re-use of ancient monuments.

---

The choices made concerning the location of the settlements in the different phases are examined, bearing in mind geomorphological and geological features and the agricultural properties of the soils.

## 3. Houses of the dead, symbols of the living

The megalithic monuments and the way they were set up in the landscape are analysed according to factors extrinsic to the monuments (Time and Landscape); intrinsic factors (Architecture, Orientation and the specific place they are set); intrinsic and extrinsic factors (the re-uses of the monument and the very variation of burial rites).

Sherratt, Tilley and Thomas are quoted, in connection with the specific value of monuments *while other than themselves*, and the plurality of meanings a dolmen can acquire when seen diachronically is referred to.

## 4. Permanence and evolution of symbolics and religious manifestations: the example of the funerary complex of Olival da Pega

The period of time megalith builders stayed on the plain of Reguengos de Monsaraz (1500 years at least) is characterised by several points of collapse, “collapses of simple societies”, which coincide with highly important moments, but the meaning of symbolics was understood over a long period. The funerary complex of Olival da Pega, currently under excavation by the author of this paper, is a good example of how a monument was used throughout the times. A big dolmen (OP2) is to be found there, with a sixteen-metre-long corridor with four adjoining burial areas, one of them being a very important *tholos* (OP2b), already fully excavated and radiocarbon dated.

New unpublished information about stratigraphy and burial rites held at this funerary complex are presented in this paper.

## 5. Discussion

The paper ends with a few generic comments about the evolution of the peasant societies and first metal (copper) workers who built megalithic monuments in Reguengos de Monsaraz: “a long term history of fertile land, of people, of symbols and routes, when one comes to think of it.”

1. Breve introdução,
2. Apresentação das fontes: bibliografia específica e colecções
3. A cronologia absoluta
4. A estratégia do povoamento
5. Casas dos mortos, símbolos dos vivos
6. Permanência e evolução da simbólica e das manifestações do sagrado: o exemplo do complexo funerário do Olival da Pega (OP1 e OP2)
7. Síntese provisória

## 1. Breve introdução

*O que actualmente se sabe sobre pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz.*

A informação de que hoje dispomos sobre pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz é ilusoriamente abundante.

Com efeito, conhecemos hoje algumas poucas dezenas de povoados, de dimensões aparentemente muito diversas, e cerca de centena e meia de monumentos megalíticos, uma parte dos quais irreversivelmente destruída, outra parte muito danificada, outra ainda, minoritária, em relativo bom estado de conservação.

Sobre os povoados, temos como certa a localização do sítio fortificado do Monte Novo dos Albardeiros e de Perdigões 2 na primeira metade do 3º milénio, como presumível a localização de TESP3 em fins da 2ª metade do 4º e/ou nos primeiros séculos do 3º. Mais incerta é a localização de Gorginos 6. A ocupação de Areias 15 parece ser contemporânea de TESP3, tal como Gateira 3, e a principal ocupação do Castelo do Azinhalinho é muito provavelmente atribuível ao 3º milénio.

As evidências de uma economia agro-pastoril encontram-se em diversos tipos de artefactos

1. tecnómicos: os moventes e dormentes do Monte Novo dos Albardeiros e Areias 15, a utensilagem de pedra polida do Marco dos Albardeiros ou TESP3

2. ideotécnicos: os báculos votivos de xisto, as intermutações machado/enxó/goiva de Poço da Gateira 1

Quanto a vestígios de práticas arqueometalúrgicas, apenas se encontraram, até ao momento, traços de metalurgia do cobre nos Perdigões, um sítio profundamente danificado por um olival e por uma vinha, cuja eventual sequência estratigráfica deverá ser aproximada com excepcional precaução, e nas duas fases do Monte Novo dos Albardeiros, na mais antiga das quais se recolheram artefactos metálicos; na mais recente, há, para além de artefactos, evidências significativas da metalurgia local do cobre.

Entre estes sítios de povoamento e os monumentos megalíticos existe uma correlação certa?

Como veremos, a resposta é, para a maioria dos casos, um rotundo «não».

Aquilo que podemos afirmar, cruzando dados, assenta em similitudes artefactuais restritas, apenas presumidas para o 4º milénio. Só no que se refere à 1ª metade do 3º milénio, e particularmente em relação às sociedades arqueometalúrgicas, poderemos falar com segurança, admitindo que populações como as que viveram na fortificação do Monte Novo dos Albardeiros se enterravam efectivamente em *tholoi* como Farisoa 1b, OP2b, Comenda 2b. Quanto aos reais construtores de antas de corredor curto, como Poço da Gateira 1, desconhecemo-los em absoluto. E se bem que sítios como Gorginos 6 pudessem ser como tal propostos, o nosso quase completo desconhecimento dos seus conteúdos artefactuais inviabiliza uma resposta firme.

Quanto às antas de grandes dimensões, como Passo 1, Cebolinhas 1, OP1 ou OP2, o reestudo dos seus materiais, nos 3 primeiros casos, e a conclusão da escavação do último, poderão confirmar ou infirmar a suposição que poderiam ter sido construídas, ou muito cedo usadas, por grupos como os que foram detectados em TESP3 ou talvez mesmo Areias 15.

Estamos assim no começo de todo um complexo trabalho, cujas conclusões não são de extensão avaliável neste momento.

Mas os dados já reunidos permitem apontar direcções e encontrar caminhos. É o que tentaremos ver de seguida.

## 2. Apresentação das fontes: bibliografia específica e colecções

*Os estudos sobre monumentos, sítios e situações são apresentados por ordem cronológica e agrupados por fases que traduzem o desenvolvimento da aquisição do saber neste campo e nesta área específicos. Refere-se a actual localização dos achados.*

**Fontes escritas**

Podemos, talvez com alguma utilidade, agrupar em 3 fases a produção bibliográfica que se refere aos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz e aos seus construtores.

**1ª fase, ou «clássica» (1887-1950)**

1887

Nogueira, Pedro Manuel (1887) – Memória histórica do concelho de Reguengos de Monsaraz. O Instituto. 2ª série. 7. p. 355.

1894

Vasconcellos, José Leite de (1894) – Notícias várias. 1. Antas do termo de Monsaraz (Alemtejo). Arch. Port. 1. p. 222-223.

Vasconcellos, José Leite de (1894) – Antas de Monsaraz. Arch. Port. 1. p. 279.

**2ª fase, ou «moderna» (1951-1987):**

1951

Leisner, Georg e Vera (1951a) – As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz, Lisboa: IAC (reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985)

1961

Pina, Henrique Leonor (1961) – A Anta da Herdade do Duque, Rev. de Guim, 71, p. 13-26, Guimarães

1962

Pina, Henrique Leonor (1963) – A Anta [2] da Azinhreira (Reguengos de Monsaraz), TAE. Porto: SPAE, p. 25-46,

1970

Gonçalves, José Pires (1970) – Menires de Monsaraz, Arqueologia e História, Série IX, 2, Lisboa

1971

Pina, Henrique Leonor (1971) – Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora, Actas do II CNAP, I, 1p. 51-162, Coimbra

1972

Gonçalves, José Pires (1972) – Arte Rupestre de Monsaraz, Arquivos do Centro Cultural Português, V, 489-502, Paris

1975

Gonçalves, José Pires (1975) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora, Évora

1976

Gonçalves, José Pires (1976) – Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz, in V Congresso de Estudios Extremeños, Badajoz.

Pina, Henrique Leonor (1976) – Cromlechs und Menhire bei Évora in Portugal, MM. Heidelberg: F. H. Kerle Verlag. 17. p. 9-20,

1979

Santos, M. Farinha dos; e Gonçalves, J. Pires (1979) – O polidor rupestre nº 1 da Herdade da Capela (Reguengos de Monsaraz – Portugal). CNAE 15. Zaragoza, p. 375-384

**3ª fase, ou «das novas perspectivas de pesquisa» (1988-)**

1988-89

Gonçalves, Victor S. (1988-89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). Portugália. Porto: IAFLP. Nova Série, 9-10, p. 47-60.

1989

Gonçalves, Victor S. (1989a) – Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada, 2 vols., Lisboa: INIC/UNIARQ.

Kalb, Philine (1989) – O Megalitismo e a neolitização no Oeste da Península Ibérica. Arqueologia. Porto: GEAP. 20. p. 33-46.

1990-1991

Gonçalves, Victor S. (1990-91) – TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). Portugália (Nova Série). Porto: IAFLP. 11-12. p. 53-72.

Gonçalves, Victor S. e Calado, Manuel (1990-91) – A necrópole da Idade do Bronze do Monte dos Cebolinhos (S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz). Notícia da sua identificação. Portugália. Nova Série. Porto: IAFLP. 11-12. p. 143-147.

1991

Gonçalves, Victor S. (1991) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos: 2. algumas breves considerações sobre as chamadas *taças carenadas* e a primeira metade do 3º milénio em Portugal. Arquivo de Cascais. Cascais: Câmara Municipal. 10.

1992

Gonçalves, Victor S. (1992) – Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: UNIARQ/INIC

Gonçalves, Victor S.; Calado, Manuel e Rocha, Leonor (1992) – Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. SA. Setúbal: MAEDS. IX-X. p. 391-412.

Soares, Joaquina, e Silva, Carlos Tavares da, (1992) – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. SA. Setúbal: MAEDS. IX-X. p. 37-88.

1993

Gonçalves, Victor S. (1993) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa. 15. 5ª série. p. 41-47.



1994

Gonçalves, Victor S. (1994a) – A primeira metade do 3º milénio no Centro/Sul de Portugal. Algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis. TAE. Porto: SPAE. Actas do 1º Congresso Peninsular de Arqueologia. 1993.

Gonçalves, Victor S. (1994b) – Dolmens and landscape. Some preliminary examples from south Portugal. Comunicação apresentada ao Simpósio de megalitismo de Falköping, Suécia.

1995

Gonçalves, Victor S. (1995) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas. Cascais: Câmara Municipal.

Gonçalves, Victor S. – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Actas do Seminário sobre o Megalitismo do Centro de Portugal*. Mangualde. 20-22 de Novembro de 1992

Gonçalves, Victor S. (no prelo) – Do Tejo à «contra-costa»: transformação e mudança no 3º milénio. I Simpósio «transformação e mudança». Cascais, 1993.

Gonçalves, Victor S. (inédito) – 3 datas de radiocarbono para a construção e primeiros níveis de utilização do *tholos* OP2b (Reguengos de Monsaraz). I Simpósio «transformação e mudança». Cascais, 1993.

A primeira fase compreende assim curtas notícias de achados ocasionais. Não existe um plano específico para a região, tão só se identificam monumentos, mais especificamente *dolmens* ou *antas*, na perspectiva comum na época. Ainda que esta fase decorra efectivamente entre 1887-1950, devemos recordar a função, em plena Idade Média, da Anta do Viseu, um monumento referido como demarcador de territórios, facto devidamente consignado em documento escrito. Com efeito, em 1951, Georg e Vera Leisner citariam uma passagem de um foral de 1276 e que se lhe refere como «...una arca de tempore antico...» (Chancelaria de Afonso III, Liv 1, fl. 135 v.). Recordar-se que a expressão «arca» ou «orca» viria a desaparecer totalmente do Alentejo, sobrevivendo apenas em terras mais a Norte.

A segunda fase, que, compreensivelmente, designei por «moderna», desenrola-se de 1951 a 1976, começa e é totalmente dominada pela notável síntese produzida pelos Leisner. A este trabalho podemos associar as curtas publicações posteriores que divulgaram novas escavações em monumentos já directa ou indirectamente referidos, mas sempre numa perspectiva monotemática (trabalhos de Leonor Pina), e as diversas notícias sobre menires e

*cromlechs* (Pires Gonçalves e Leonor Pina). Todos os trabalhos desta fase acabam por, de algum modo, derivar da síntese dos Leisner, procurando completá-la em termos de inventário e não apresentando qualquer plano global para a região.

A terceira fase, que designei por «das novas abordagens» pré-inicia-se, na realidade, com dois trabalhos, traduzindo o primeiro deles (Whittle e Arnaud, 1975) uma tentativa de datação absoluta de alguns monumentos e cuja inutilidade está hoje, infelizmente, confirmada (Gonçalves, 1989a, 1992, *no prelo*, a). O segundo (Kalb, 1981) é exemplo claro de como uma perspectiva mal compreendida, apressada e mal formulada pode ser pior que perspectiva nenhuma.

A partir de 1985, data da reedição da monografia dos Leisner pela instituição que tutelava o que é hoje o *Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*, multiplicaram-se trabalhos de campo incidindo sobre povoados de construtores de megálitos (Gonçalves, 1988/89, 1990/91), sobre levantamentos arqueológicos (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Soares e Silva, 1992), revendo a totalidade da problemática do grupo megalítico (Gonçalves, 1992, 1994a) ou publicando aspectos específicos do povoamento equacionados em função de outras áreas (Gonçalves, 1991, 1993).

Estamos perante o que poderia ser uma considerável viragem dos nossos conhecimentos sobre a região, se superiormente houvesse capacidade de julgamento e isenção que permitissem a concretização material de novos trabalhos de campo e gabinete e a conclusão dos em curso.

### **Fontes materiais**

Presentemente, os materiais arqueológicos recolhidos no concelho de Reguengos de Monsaraz encontram-se dispersos por cinco lugares distintos.

#### 1. instituições estatais:

– no Museu Nacional de Arqueologia encontram-se os artefactos recolhidos pelos Leisner no fim dos anos 40. É uma vasta colecção, com muitas cerâmicas ainda por restaurar, tal como saíram do terreno, algumas em risco. Uma pequena e descontextualizada parte encontrava-se, até Fevereiro de 1994, exposta na Galeria do Museu;

– na Faculdade de Letras de Lisboa (*Centro de Arqueologia*) estão os materiais provenientes de 4 sítios: Monte Novo dos Albardeiros, Marco dos Albardeiros, TESP3 e OP2. É também aqui que se encontram os materiais de superfície recolhidos aquando de prospecções e parcialmente publicados (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992). Após estudados, darão ingresso em Museu a designar pelo IPM e/ou IPPAR, de acordo com a legislação em vigor.

2. outras:

– a Igreja de Monsaraz guarda num pequeno expositor, misturados com algumas dezenas de artefactos de diferente natureza, de proveniências desconhecidas ou incompletamente referidas, os materiais provenientes das antas Duque 1 e Azinheira 2, escavadas por Leonor Pina;

– uma colecção particular, de F. Serpa, reúne os materiais dos Perdigões bem como, presume-se, de outros sítios do concelho. Parte dos materiais dos Perdigões parece estar actualmente na propriedade de M. Varela Gomes;

– a *Fundação Convento da Orada* tem em depósito os materiais provenientes da recente escavação no que restava da Anta da Belhoa.

### 3. A cronologia absoluta

*Apresentam-se e comentam-se as datas absolutas hoje disponíveis para monumentos e sítios de Reguengos de Monsaraz e utilizam-se dados da Sala nº 1 (Pedrógão do Alentejo) para completar áreas lacunares. Reserva-se para outro lugar a discussão em torno a OxA-5534, referente ao presumido último momento do povoado TESP3.*

Dispomos apenas de 6 datações absolutas para monumentos e sítios do 3º milénio em Reguengos de Monsaraz. Vamos referi-las com uma advertência prévia, a utilizar também para o restante texto: por razões já expressas noutros lugares, ao falarmos de 4º, 3º ou 2º milénio estamos a usar anos de calendário, com intervalos de tempo obtidos através da calibração pela dendrocronologia das datas <sup>14</sup>C. Os intervalos usados são sempre os obtidos para dois sigmas (2  $\sigma$ ).

#### 1. ICEN-530

Fase 1 de ocupação do Monte Novo dos Albardeiros (povoado fortificado, com grande torre já integralmente escavada, a datação obtida refere-se à construção e primeira utilização da torre. Um artefacto de cobre (furador) indica conhecimento da metalurgia ou do uso de artefactos metálicos. Ausência de taças carenadas. Presentes pratos de bordo espessado.)

ICEN-530: 4060  $\pm$  80 BP, 2886-2460 cal BC, a 2  $\sigma$ .

#### 2. ICEN-529

Fase 2 de ocupação do Monte Novo dos Albardeiros (Estrutura 1: estrutura circular, muito provavelmente o soco de arranque de uma falsa cúpula. Utilização habitacional em discussão, certa a utilização funerária. Cadinhos, pingos de fundição e artefactos de cobre. Pratos de bordo espessado. Cerâmica simbólica).

ICEN-529: 3760  $\pm$  100 BP, 2470-1910 cal BC, a 2  $\sigma$ .

#### 3. ICEN-956

Amostra proveniente da área central do topo do nível VF3=7 do *tholos* OP2b. Na base de este nível, sobre a rocha, foi identificada a deposição do «fundador», um primeiro enterramento com lâmina e placa de xisto sobre o peito do inumado. Devido às características específicas deste sector do monumento, é provável que esta datação se refira ao início das deposições, após o enterramento do «fundador», sendo portanto uma data referente ao início da formação de VF2=6.

ICEN-956: 4180  $\pm$  80 BP, 2920-2505 cal BC, a 2  $\sigma$ .

#### 4. ICEN-955

Amostra proveniente do nível VF2=6, estratigraficamente o segundo nível de deposição do *tholos* OP2b (um mínimo de 17 primeiros enterramentos, lâminas e outros artefactos votivos, incluindo um colar com centenas de contas discóides).

ICEN-955: 4290  $\pm$  100, 3303-2615 cal BC, a 2  $\sigma$ .

#### 5. ICEN-957

Amostra proveniente do nível VF1=5, estratigraficamente o terceiro nível de deposição do *tholos* OP2b (cerca de 100 primeiros enterramentos, dezenas de lâminas de *chert* e sílex e outros artefactos votivos, incluindo dezenas de alfinetes de cabeça, de osso polido).

ICEN-957: 4130  $\pm$  60 BP, 2900-2501 cal BC, a 2  $\sigma$ .

Estas cinco datas, deixando agora de parte a obtida para TESP3, distribuem-se assim em intervalos de tempo entre 2920 e 2505, para o caso das primeiras utilizações do *tholos* OP2b (ver discussão do parâmetro mais antigo em Gonçalves, *no prelo*), 2886 e 2460 para o povoado fortificado do Monte Novo dos Albardeiros, 2470 e 1910 para a fase mais recente de este sítio, já após a destruição e abandono das antigas estruturas defensivas. Recordar-se que esta estrutura tipo *tholos* nada tem a ver com a técnica construtiva usada em OP2b ou nos *tholoi* Comenda 2b e Farisoa 1b.

No sentido de tentar compensar a escassez de informação disponível no campo das datações absolutas para o 4º e o 3º milénio em Reguengos de Monsaraz, poderíamos trazer aqui, a nível estritamente comparativo, e com todos os riscos que a extrapolação implica, as datações obtidas para o sítio da Sala nº 1, um extenso povoado sobre o Guadiana, junto a Pedrógão do Alentejo. As datas para ele disponíveis dividem-se em 2 grupos, as que se referem aos níveis 6, 4 e 5, os mais antigos, estatisticamente idênticas, e a obtida para o nível 3. São elas:

MON./SÍTIO	TIPO	NÍVEL	LAB	AMOSTRA	BP	CAL BC, 2 $\sigma$
MNAL 1	habitat	1/1	ICEN	530	4060 $\pm$ 80	2886-2460
MNAL 2	habitat	1/1	ICEN	529	3760 $\pm$ 100	2470-1910
TESP3 (K8-K9)	habitat	Ab(andonado)	OXA	5534	4010 $\pm$ 60	2850-2340
OP2b	<i>tholos</i>	7/7	ICEN	956	4180 $\pm$ 80	2920-2505
OP2b	<i>tholos</i>	6/7	ICEN	955	4290 $\pm$ 100	3303-2615
OP2b	<i>tholos</i>	5/7	ICEN	957	4130 $\pm$ 60	2900-2501
SL1	habitat	6/6	ICEN	444	4490 $\pm$ 100	3502-2910
SL1	habitat	5/6	ICEN	445	4490 $\pm$ 80	3491-2920
SL1	habitat	4/6	ICEN	447	4490 $\pm$ 110	3510-2910
SL1	habitat	3/6	ICEN	448	4140 $\pm$ 110	3018-2460

1. (Níveis 6-5-4, com taças carenadas e pratos de bordo espessado)

Nível 6:

ICEN-444: 4490  $\pm$  100 BP, 3502-2910 cal BC a 2  $\sigma$ .

Nível 5:

ICEN-445: 4490  $\pm$  80 BP, 3491-2920 cal BC a 2  $\sigma$ .

Nível 4:

ICEN-447: 4490  $\pm$  110 BP, 3510-2910 cal BC a 2  $\sigma$ .

(o que localiza esta primeira fase de ocupação do sítio algures entre 3510 a 2910)

2. (Nível 3, com pratos de bordo espessado, cerâmica simbólica e placas de xisto)

Nível 3:

ICEN-448: 4140  $\pm$  110 BP, 3018-2460 cal BC a 2  $\sigma$ .

As primeiras três de estas datações poderiam extrapolar-se para a primeira fase do sítio TESP3, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1990/91), onde na fossa K8-K9, e em todo o sítio escavado, se recolheram formas cerâmicas, nomeadamente taças carenadas e pratos de bordo espessado de algum modo similares aos dos níveis 6 a 4 do *locus* 1 da Sala nº 1. TESP3 teria assim uma datação algures em fins da segunda metade do 4º milénio ou nos inícios do 3º, o que deverá ser discutido também em função da data OxA-5534, referente à última fase do povoado.

A data obtida para o nível 3 do *locus* 1 da Sala nº 1 é comparável à obtida para o povoado fortificado do Monte Novo dos Albardeiros: 3018-2460 contra 2886-2460 cal BC, a 2  $\sigma$ . O que reforça a ideia de um movimento de calcolitização do Guadiana alentejano indiscutivelmente centrado na primeira metade do 3º milénio.

No âmbito regional, as datas obtidas para o Monte Novo dos Albardeiros, Fase 1, jogam claramente com o intervalo de tempo conseguido para os primeiros enterramentos em OP2b.

Não parece assim arriscado comentar que é aos metalurgistas construtores de povoados fortificados que se deve a mais impressionante transformação na morfologia e na técnica construtiva de monumentos funerários em Reguengos de Monsaraz, a construção de *tholoi*.

A primeira metade do 3º milénio é pois assinalada pela implantação de uma nova estratégia de povoamento, traduzindo a emergência de novas forças produtivas, portadoras, como sabemos, de uma ideologia específica comum. Estas inovações sucedem-se aos principais utilizadores dos grandes monumentos da 2ª metade do 4º milénio e da transição do 4º para o 3º, portadores de taças carenadas e pratos de bordo espessado (para completa integração da problemática das datações absolutas na questão referente aos monumentos megalíticos de Reguengos, ver Gonçalves, *no prelo*, a).

#### 4. A estratégia do povoamento

*Gorginos 6, Areias 15, TESP3, Marco dos Albardeiros, Gateira 3, Perdigoes 2, Monte Novo dos Albardeiros, Castelo do Azinhalinho* são os povoados escolhidos para exemplificar distintas estratégias de povoamento.

O que separa e o que aproxima, a nível da estratégia do povoamento, se essa é situação que se possa aceitar para todos eles, os povoados do 4º e 3º milénios de Reguengos de Monsaraz?

Tomemos alguns sítios como exemplo e, de acordo com as informações derivadas das recolhas de superfície ou das escavações neles efectuadas, distribuamo-los por 4 presumíveis «fases» ou agrupamentos temporais em sequência (às quais se acrescenta, por curiosidade, uma última coluna sobre os monumentos e sítios da Idade do Bronze):

milénios, em anos de calendário →	1 <sup>a</sup> ½ 4 <sup>o</sup> m	2 <sup>a</sup> ½ 4 <sup>o</sup> m e transição 3 <sup>o</sup>	1 <sup>a</sup> ½ 3 <sup>o</sup> m	2 <sup>a</sup> ½ 3 <sup>o</sup> m	2 <sup>o</sup> m
SÍTIOS ↓ FASES →	1	2	3	4	I. do Bronze
Areias 15	negativo	confirmado	provável	negativo	negativo
Areias 16	negativo	confirmado	provável	negativo	negativo
Castelo do Azinhalinho	negativo	provável	confirmado	provável	negativo
Cebolinhos 7	negativo	negativo	negativo	negativo	confirmado
Gateira 3	negativo	confirmado	provável	negativo	negativo
Gateira 4	negativo	negativo	negativo	negativo	confirmado
Gorginos 6	confirmado	negativo	negativo	negativo	negativo
Marco dos Albardeiros	negativo	confirmado	negativo	negativo	negativo
Monte Novo	negativo	provável	confirmado	negativo	negativo
Monte Novo dos Albardeiros	negativo	negativo	CONFIRMADO	CONFIRMADO	confirmado
Perdigões 1 e 2	negativo	confirmado	confirmado	provável	negativo
Pipas	confirmado	negativo	negativo	negativo	negativo
Reguengos de Monsaraz	negativo	negativo	negativo	negativo	confirmado
Torre do Esporão 2 (TESP2)	negativo	confirmado	provável	negativo	confirmado
Torre do Esporão 3 (TESP3)	negativo	provável	CONFIRMADO	negativo	negativo

NOTA: informação sobre Pipas em Silva e Soares, 1992. Sobre os restantes sítios, ver Gonçalves, 1988-89, Gonçalves, 1990-91, Gonçalves, 1992, Gonçalves 1992-1994 e Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves e Sousa, *no prelo*.

Tanto a 1<sup>a</sup> como a 2<sup>a</sup> «fase» têm em comum uma implantação específica dos sítios em planície ou área aberta, com uma localização que quase sempre inviabiliza qualquer pretensão defensiva que se não baseie em paliçadas ou muralhas altas, ambas desconhecidas nesta região e para esta fase. Ainda assim, a própria microtopografia mostra que no caso dos Gorginos 6 ou de Areias 15 tais soluções seriam inviáveis, por inúteis, estando os sítios localizados em áreas totalmente expostas. Tal como acontece, de algum modo, com Gateira 3. O caso de TESP3 poderia ser diferente, uma vez que o ligeiro sobrelevamento do solo poderia permitir uma área de atalaia justamente no lugar em que viria a ser construída a torre medieval. Mas estamos no campo das puras probabilidades, a área escavada de TESP3 está principalmente num campo amplo e muito ligeiramente declivoso, não estando maioritariamente concentrada na área de maior altimetria (no entanto, a recolha de materiais pré-históricos junto ao alicerce da Torre poderia significar a existência de uma área de ocupação pré-histórica parcialmente «rapada» pelos medievais).

De todo este agrupamento de sítios das «fases» 1 e 2 apenas um deles foge visivelmente às características de total indiferença em relação à visibilidade e defensabilidade. Trata-se justamente do Marco dos Albardeiros. Referido por diversas vezes com base em materiais de superfície (Gonçalves, 1989; Gonçalves, 1992; Silva e Soares, 1992), pude recentemente efectuar uma brevíssima escavação que revelou características muito interessantes, particularmente a associação numa única pequena fossa escavada no granito de tipos cerâmicos diferenciados.

Mas confirma-se a presença do conjunto artefactual que aproxima o Marco dos Albardeiros de TESP3 e Areias 15. O que realmente separa este sítio dos seus presumidos contemporâneos é a implantação numa crista alongada, cuja altimetria permite uma extraordinária visibilidade. Mas, consideradas as dimensões extensas da área em que assenta, e as dimensões quase duplas da superfície da crista que revelou artefactos indiciadores de povoamento, o povoado não oferece garantias de defensabilidade, ao contrário do vizinho e mais recente Monte Novo dos Albardeiros, que foi instalado num lugar de altimetria absoluta inferior, mas de defensabilidade garantida, particularmente após a montagem do dispositivo defensivo.

Mas se esta localização não coincide com nenhuma outra, talvez ela não tenha um significado particular, representando uma opção eficaz, considerada a natureza dos solos. É que toda a área a Oeste e Norte inclui manchas de solos A e B, extremamente argilosos, e que reagem às primeiras chuvas tornando intransitáveis todos os caminhos.

Assim, ao escolherem o sítio do Marco dos Albardeiros, os seus futuros habitantes assegurariam a construção das estruturas habitacionais em terra sólida, mais propriamente: em rocha sólida, com boas possibilidades de drenagem das águas pluviais. Os factores *visibilidade* e *defensabilidade* poderiam ser aqui de escasso ou nenhum significado.

Mas quando escolhemos analisar os sítios da 3<sup>a</sup> fase, precisamente os que localizamos na 1<sup>a</sup> metade do 3<sup>o</sup> milénio, Monte Novo dos Albardeiros 1, Perdigões 2 e o Castelo do Azinhalinho, a situação é radicalmente diferente. Estamos perante povoados

que se localizaram de uma forma similar entre si, de acordo com uma lógica comum. Todos têm água perto, todos ocupam pontos destacados na paisagem, um deles reforça a ruptura com os planos de ocupação com espessas muralhas e, na área escavada, uma grande torre oca, espessada por diversas vezes com estruturas exteriores maciças. E não é impossível que um dispositivo defensivo tivesse completado a área de topo do Castelo do Azinhalinho.

Se os povoados das «fases» 1 e 2 se «dissolvem» na paisagem, sem estabelecer descontinuidades visíveis, a implantação de estes novos lugares de povoamento é agressiva e estabelece rupturas.

As próprias muralhas, para além da sua funcionalidade específica, representam um corte simbólico importante entre o mundo ininterrompido do *exterior* e o *interior*, protegido e definido pelas suas paredes. Coincidem com a arqueometalurgia, evidentemente. Mas não podemos, só por isso, aceitar sem crítica os suportes indigenistas. Havendo cobre em Reguengos, não o há na Península de Lisboa, por exemplo.

E se o metal é estranho em contextos tão importantes, justamente aqueles onde se implantam as maiores fortificações, não se vê como as técnicas metalúrgicas possam aí ter emergido, a não ser por contribuição exterior.

Reguengos está assim na rota da expansão das comunidades arqueometalúrgicas. Que adversários encontram elas, que determinam a escolha de cerros elevados e fortificações? Originam, assistem ou seguem-se ao colapso dos grupos que anteriormente controlavam aquele território?

A 4ª Fase está datada pelo radiocarbono na Estrutura 1 do Monte Novo dos Albardeiros, correspondente à segunda fase de ocupação específica do sítio. Muito pouco sabemos, por enquanto, de outros possíveis paralelos locais.

Quanto à Idade do Bronze, 2 povoados (TESP2 e Gateira 4) e 2 necrópoles (Reguengos e Cebolinhos 7) não chegam para analisar a complexa situação desta «Idade» em Reguengos, sabendo-se como incertas são ainda as actuais perspectivas para a sua interpretação nesta área...

Houve quem escrevesse que, se conseguirmos formular as questões, tal quer dizer que as respostas já existem. É possível que assim seja, mas, neste caso, elas não estão ainda certamente ao nosso alcance.

## 5. Casas dos mortos, símbolos dos VIVOS

*Após um «Comentário prévio», são sumariamente abordados três pontos principais: a arquitectura funerária e a sua problemática, a orientação dos monumentos e a sua relação com a paisagem, as reutilizações.*

### *Comentário prévio*

Parece hoje claro que um monumento megalítico, independentemente das suas indesmentíveis funções básicas específicas (um contentor de mortos), traduz na sua construção, a criação de um espaço global significante.

Teoricamente, o seu entendimento integral apenas seria possível para os seus construtores e primeiros utilizadores. Mas, como Thomas recentemente sublinhou, este argumento não é suficiente para justificar uma leitura limitada e restritiva de estes monumentos: «We cannot put ourselves back into the heads of past people, but we must put the people back into the spaces of the past.» (1993a: 74). Ao começar significativamente o seu ensaio com uma citação de Richard Long («Sculptures are stopping places along the journey. They are where the walk meets the place.»), Thomas parte exactamente para uma tentativa de construção do que chama uma «fenomenologia histórica». Nesse sentido se compreende que recorde Heidegger (*Being itself is time*) e feche o círculo citando Gregory (*The subject does not merely inhabit space, spatiality enters into being itself*).

A condição *estar em* terá assim que ver com o universo dos vivos, que inclui forçosamente o dos mortos.

Entre os conceitos que completam a proposta de Gregory conta-se o de *dominant locale*, um lugar a que os indivíduos repetidamente regressam e que por isso mesmo se torna gerador de princípios estruturais. Esses lugares abrem uma «descontinuidade no espaço», como Conkey, Hodder e Yates sublinharam. Podem, fisicamente falando, ser menires, muralhas ou monumentos megalíticos. Neste sentido, são efectivamente lugares «onde a marcha encontra o sítio», mas na realidade são muito mais que isso, fazem parte de uma real reconstrução do espaço, definindo uma indelével marca humana.

Assim, ainda que vivendo seis ou cinco mil anos depois dos construtores dos espaços de estes mortos, e reconhecendo a limitação efectiva que a perda quase total de um subsistema essencial na vida das sociedades representa, partimos para os cenários possíveis, tendo em conta, em relação aos monumentos megalíticos, factores específicos:

1. extrínsecos aos monumentos (o Tempo e o Espaço);
2. intrínsecos (a arquitectura, a orientação e o lugar específico de implantação);
3. intrínsecos e extrínsecos (a «história» do monumento, o processo de reutilizações e a própria variação dos ritos fúnebres).

Todos estes factores subentendem naturalmente que o monumento em si é apenas uma «casca», parte vital, mas não exclusiva de uma complexa série de referências para os vivos. De uma forma algo banal,

poderia dizer-se que só existe Morte porque existe Vida e que é nesta que devemos procurar significados.

Nesta perspectiva, os monumentos (ou as diversas fases da sua utilização) têm que ser compreendidos como realidades múltiplas, de significado possivelmente variável em função dos seus efectivos utilizadores. E com isto quero dizer tanto os utilizadores *mortos* como os utilizadores *vivos*, que reinterpretam o espaço e o monumento, individualmente e nas relações que entretanto se constroem entre um e outro.

Por tudo isto será vantajoso dizermos, como Tim Ingold, que «First, human life is a process that involves the passage of time. Second, this life process is also the process of formation of the landscapes in which people have lived.» (1993: 152). Porque «the apprehension of the landscape in the dwelling perspective must begin from a recognition of its temporality. Only through such recognition, by temporalizing the landscape, can we move beyond the division that has afflicted most inquiries up to now, between the ‘scientific’ study of an atemporalized nature, and the ‘humanistic’ study of a dematerialized history.» (1993: 172).

### *A arquitectura funerária*

A polémica sobre a estrutura dos monumentos megalíticos tem-se resumido muitas vezes, em Portugal, ao significado da existência ou ausência do Corredor, o componente arquitectónico que constitui o espaço construído que garante (ou, noutra perspectiva, condiciona) o acesso à Câmara.

Lentamente, consolidou-se uma ideia «indígena» (deve-se, em parte, a Manuel Heleno), a de que a pequenos monumentos desprovidos de corredor se teriam sucedido outros, de corredor curto, «incipiente», como por vezes se escreveu. Os monumentos de corredor extenso representariam a última fase de este processo evolutivo e, para alguns, seriam mesmo já quase calcolíticos.

Em 1951, Georg e Vera Leisner, que, pelas suas origens, compreensivelmente, partilhavam uma outra perspectiva, encontram em Reguengos argumentos que os levam a mudar de posição. Eliminam outra questão, até aí subjacente em diversas análises do megalitismo, particularmente as de carácter filogermânico, a da pretensa anterioridade dos *tholoi* em relação às antas simples ou de corredor, que deles teriam sido imitação indígena.

Em 1969, o mesmo foi demonstrado em relação às grutas artificiais, pelo menos na Praia das Maças anteriores aos *tholoi* (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1969).

Mas, como uma vez Claude Lévi-Strauss recordava a propósito dos machados de pedra polida, os artefactos (ou, neste caso, os edifícios) não se repro-

duzem biologicamente, logo falar de evolução pode parecer inadequado. Nem as alterações da cultura humana podem comparar-se, *sensu stricto*, com a evolução biológica: vivemos connosco, mas sobretudo com uma desmesurada herança, presente mesmo quando a contestamos ou procuramos deliberadamente ignorar.

Assim, o facto de existirem em Reguengos pequenos monumentos, que presumimos os mais antigos até ao momento identificados, de corredores muito curtos, e de atribuirmos a uma fase mais evoluída das práticas funerárias das sociedades camponesas os monumentos de grandes dimensões, providos de corredores longos ou muito longos, não exclui a possibilidade de ainda se verificar nesta última fase a construção de monumentos do tipo anterior.

Se a construção de *tholoi*, e conhecemos pelo menos três casos que em Reguengos o confirmam, é posterior à das grandes antas de corredor, tal não implica que, em outras áreas, a construção de antas (e, por vezes, até bem pequenas) não continue. E conhecem-se casos datados pelo radiocarbono para o Alto Alentejo que o confirmam.

Em Reguengos, a principal divisão dos monumentos funerários (se colocarmos de parte as cistas ditas «megalíticas» e sobre as quais tão pouco sabemos) faz-se efectivamente de acordo com as dimensões da Câmara e do Corredor, para as antas, e de acordo com a construção da Câmara para os *tholoi*.

Não creio úteis os critérios estabelecidos pelos Leisner sobre as diferentes morfologias de Câmara que detectaram. São uma divisão com utilidade descritiva e classificatória evidente, mas não se tira das suas divergências o que foi possível em Bougon, onde Câmaras quadradas evoluem claramente para Câmaras circulares e correspondem a momentos construtivos bem diferenciados.

Em Reguengos, nada nos permite afirmar que existe um nexo de sequência entre Câmaras trapezoidais e Câmaras circulares e que estas são anteriores (ou posteriores) às sub-circulares.

Claramente circulares (ainda que às vezes, devido à microtopografia do lugar de implantação, tendendo para a oval) são as Câmaras dos *tholoi*. Mas um factor, desprezível nas antas, onde a relação chapéu/esteios da Câmara é muito mais livre, tem aqui de ser tomado em conta, o da própria geometria da falsa cúpula, que naturalmente exige um suporte circular.

Assim, a perspectiva em que nos colocamos à partida é claramente polimorfista, no sentido mais estrito de esta expressão: independentemente da variedade morfológica *poder ter* um significado em termos de sequência, admite-se a coexistência, tanto de construção como funcional, de tipos de monumentos com diversas geometrias de Câmara e com

volumetrias que podem eventualmente significar mais adequadamente as dimensões do grupo que os constrói (e utiliza) que traduzir uma prescrição mágico religiosa específica.

### *A orientação dos monumentos e a sua relação com a paisagem*

A questão da orientação dos monumentos megalíticos do Ocidente Peninsular, em geral, e de Reguengos em particular, resume-se naturalmente a uma questão básica, a partir da qual derivam as restantes: é ou não intencional a maneira como os construtores definem o eixo câmara/corredor.

A resposta negativa elimina necessariamente a continuação do debate, mas a positiva abre toda uma série de questões do tipo

1. em função da Lua;
2. em função do Sol, nascente ou poente;
3. em função dos equinócios;
4. em função de estrelas outras que o Sol.

Estas questões têm que ver, naturalmente, com o complexo mágico-religioso que determinou a construção dos monumentos megalíticos, mas têm também que ver com pausas nas actividades de subsistência primária do grupo, nomeadamente as sementeiras, as colheitas e o próprio ritmo biológico das comunidades camponesas.

Alguns de estes factores têm pouco significado quando se trata de construir um pequeno monumento, como os de Poço da Gateira, ou algumas das pequenas antas dos Gorginos, Vidigueiras ou Cebolinhos. Mas terão outro significado quando nos referimos aos grandes monumentos como Paço 1, ou as duas antas do Olival da Pega.

Tive oportunidade de analisar, tão exaustivamente quanto possível, a orientação registada para os monumentos de Reguengos (Gonçalves, 1992: 37-51. Para os monumentos de Évora, *ibid.*, 150-159), verificando-se que 50 deles, isto é 80% daqueles de que se conhece a orientação, se encontram orientados num segmento entre 100 e 125 graus. Esta distribuição é ainda mais significativa quando num extremo entre 95 e 80 graus encontramos apenas 5 monumentos (7%) e no outro (128 a 160) encontramos 14, com um pico de 10 monumentos orientados a 135 graus, a Sudeste portanto.

Emiti reservas em relação à «ciência astronómica» dos construtores de megálitos alentejanos, considerando que esta orientação poderia ter sobretudo a ver com o «lugar de onde vem a luz», ao qual os mortos, e os vivos que os transportavam, virariam costas aquando da deposição dos despojos fúnebres no escuro interior do monumento megalítico. No entanto, se existiu uma prescrição mágico-religiosa especificamente relacionada com a orientação dos monumentos megalíticos, a irregularidade da orien-

tação de grutas artificiais e *tholoi* mostra que tal prescrição lhes seria anterior e muito possivelmente estranha.

O factor tempo é aqui indispensável para compreendermos que ao longo da faixa da diacronia em que se construíram monumentos megalíticos em Reguengos, certamente algo mais de um milénio, o complexo mágico-religioso pode ter sofrido, em Reguengos, alterações substanciais.

Deve no entanto sublinhar-se que os monumentos nunca se orientam a Norte, nem a Oeste nem a Sul. Se analisarmos um gráfico de distribuição, veremos que, com excepção de Poço da Gateira 1, todos eles se concentram entre Este e Sudeste. Esta distribuição não pode ser ocasional e a simples observação da orientação das antas registadas por Leisner para a região de Évora mostra que, nos mesmos parâmetros, 100 a 125 graus, se encontram 67 das 87 antas então identificadas. As «fugas» a esta orientação, dominante nos dois grupos, têm números diferentes, mas esses números poderão ter a ver com distintos momentos da diacronia ou com factores específicos como a localização do monumento em função da paisagem e do lugar de implantação. Neste último caso, não deixa de ser interessante o facto de duas antas contíguas, ambas de grande antiguidade e muito provavelmente sem grande afastamento no momento de construção, Poço da Gateira 1 e 2, terem exactamente 30 graus de diferença na orientação, 80 graus em Poço da Gateira 1 e 110 em Poço da Gateira 2.

Não parece obrigatório, uma vez que se trata efectivamente de duas questões distintas, associar a orientação dos monumentos ao seu lugar específico na paisagem. Mas alguma funcionalidade existe em tal opção, quando, muitas vezes, a morfologia do terreno condiciona a orientação dos monumentos. Como já disse, orientar um monumento em planície não oferece qualquer dificuldade, mas, em áreas mais acidentadas, problemas podem surgir, quando entre o sítio do horizonte onde, como dizia Homero, nasce a rododáctila Aurora, e o lugar do monumento existe relevo suficiente para dificultar a visibilidade. É, por exemplo, o caso dos monumentos do Olival da Pega.

De qualquer forma, e podendo invocar um conhecimento razoável da maior parte dos monumentos megalíticos do Sul de Portugal, devo sublinhar que se verificam situações muito diversificadas a nível dessa deliberada escrita na paisagem.

Em relação a Reguengos, raros monumentos se instalam de uma forma marcada e dominante sobre a paisagem. Alguns deveriam mesmo estar localizados de forma imperceptível a estranhos, caso das pequenas antas dos Cebolinhos, das antas das Vidigueiras e da maior parte dos Gorginos. Mesmo grandes monumentos, como as duas antas do Olival

da Pega, poderiam estar envolvidas por vegetação arbustiva suficientemente densa para impedir identificações imediatas.

Claro que a memória vivida e transmitida tornaria qualquer uma das grandes necrópoles conhecida de todos os membros do grupo: são necrópoles *colectivas*, não o esqueçamos, não lugares de luxo para príncipes e reis. Nelas se colocavam se não *todos*, pelo menos *muitos* dos membros do grupo que morriam. O conhecimento e a posse colectiva de um monumento dispensa a vigilância constante que os monumentos de um só implicam.

Conhecem-se, é certo, no Sul de Portugal, monumentos que foram deliberadamente implantados em lugares de elevada visibilidade. Escavei alguns: a anta das Pedras Altas, a anta da Masmorra, a Anta do Curral da Castelhana, todos no limite norte do concelho de Tavira, destacam-se de forma inequívoca na paisagem. Mais: constituem-se em marcos de referência obrigatória, sendo, destes três casos, o mais impressionante constituído pelas Pedras Altas. Este monumento implicou o transporte de grandes blocos de grauvaque por encostas abruptas e de difícil acesso. Foi presumivelmente ocupado por um número restrito de indivíduos e talvez possa atribuir-se a um dos primeiros momentos de colonização da Serra algarvia, no Neolítico avançado. Outro monumento, perto do Monte das Velhas, em Alcoutim, foi destruído pelos Serviços Geográficos e Cadastrais, que, significativamente, acharam o local ideal para a implantação de um marco geodésico.

Há, portanto, e tal parece indiscutível, monumentos megalíticos que, por vezes com custos de construção consideravelmente acrescidos, foram erguidos em lugares que dominavam extensos panoramas. Mas em Reguengos essa não parece ser preocupação fundamental.

Talvez a explicação se ache, neste caso, na própria configuração do terreno onde se instalaram os pastores, agricultores e metalurgistas que construíram monumentos megalíticos para neles enterrarem os seus mortos.

A estabilidade do povoamento pode ser depreendida através do carácter grupado de alguns monumentos (Cebolinhos, Areias, Gorginos, Olival da Pega...). Em Reguengos, lugares de vivos e lugares de mortos coexistiriam numa rede interpenetrável e simbolicamente efectiva. Não seria necessário destacar as antas numa paisagem integralmente ocupada e onde elas seriam, tal como eventualmente os menires, os sítios «onde a marcha encontra o sítio».

### *As reutilizações do espaço funerário*

Monumentos existem onde a ocupação se resume a dois momentos principais, sendo o último deles completamente alheio ao primeiro e dele não derivando. Recordo sítios como a Pedra Branca, S. Pedro do Estoril 2 ou Pai Mogo, mas também Vidi-gueiras 1, Poço da Gateira 2 e Gorginos 1 e 3.

Como explicar esta situação?

Não parece errado defender que os monumentos se encontrariam certamente abandonados no início da sua segunda ocupação, mas *ainda perfeitamente reconhecíveis na paisagem*. Assim, foram reutilizados, sem que tal forçosamente representasse qualquer continuidade do seu sentido simbólico inicial, ou, mais propriamente, a sobrevivência do subsistema mágico-religioso que determinou a sua construção de acordo com regras específicas.

Estes monumentos ganham assim novos significados e, sendo fisicamente os mesmos, assumem-se como *outros*.

Se a utilização continuada dos mesmos monumentos se faz naturalmente sem rupturas de significado, ou com perdas mínimas no seu sentido de origem, estas são novas situações, evidenciando o carácter complexo e mutante dos símbolos.

## 6. Permanência e evolução da simbólica e das manifestações do sagrado: o exemplo do complexo funerário do Olival da Pega (OP1 e OP2)<sup>2</sup>

*A necrópole do Olival da Pega. O complexo funerário de OP2. Os ritos que permanecem (o ocre vermelho). As figurações da Deusa Mãe e o Jovem Deus. A evolução e persistência dos componentes da simbólica da Deusa dos Olhos de Sol. A reutilização dos espaços sagrados e das placas de xisto enquanto suporte das figurações da divindade.*

*Neste texto, usam-se algumas abreviaturas, derivadas dos códigos de campo dos monumentos. São elas.*

*OP1: Anta Grande ou Anta 1 do Olival da Pega*

*OP2: o conjunto funerário da Anta 2 do Olival da Pega. OP2a: a Anta (Câmara e Corredor). OP2b: o tholos. OP2c: enterramento individual no exterior dos esteios-estelas. OP2d: monumento com a forma de galeria, não escavado. OP2e: pequeno tholos*

<sup>2</sup> Este ponto 6 foi dedicado ao Catálogo de uma exposição sobre megalitismo preparada pelo IPPAR para a delegação regional de Évora. Ao integrar-se neste texto geral de síntese, sofreu ligeiras alterações.



*Para OP2b (niveis): D (=1) – Terras de arrasto, algumas possivelmente provenientes das intervenções pré-históricas na anta, inclui os últimos derubres da cúpula. P1 (=2) – Nível ainda com lajes da cúpula. Enterramentos apenas identificáveis pelos artefactos votivos. Ossos quase irreconhecíveis e transformados em pó. P2 (=3) – Enterramentos com alguns ossos em muito mau estado. O nível P2 começa a formar-se sobre um lajeado de fecho que isola as primeiras fases de utilização do monumento, lajeado que é de atribuir aos portadores dos primeiros enterramentos contidos em P2. VF1 (=4) – O último nível de utilização da primeira fase de uso do tholos. VF2 (=5) – O primeiro grande nível de utilização colectiva do tholos. VF3 (=6) – Enterramento do «primeiro fundador». Primeira utilização do monumento, como estrutura funerária individual. S (=7) – Solo consolidado, aplanado, sem qualquer vestígio arqueológico.*

*Fase 1 (de utilização do monumento): níveis (em sequência cronológica) VF3, VF2 e VF1.*

*Fase 2 (de utilização do monumento): níveis P2 e P1*

*Fase 3 (destruição, abandono, fenómenos pós-deposicionais): nível D*

#### *A necrópole*

Num dos extremos a Nordeste da planície de Reguengos, junto à Ribeira da Pega, e muito provavelmente durante o 4º milénio, foram construídas duas antas de corredor, de grandes dimensões. Escavada a primeira delas pelos Leisner, e em escavação a segunda sob minha responsabilidade, a similitude artefactual, e mesmo arquitectónica, dos conjuntos identificados permite defender a probabilidade de terem sido edificadas em época muito próxima, sendo mesmo aceitável que, durante um determinado período de tempo, tenham funcionado em simultâneo.

De qualquer forma, seja qual for a resposta que venha a ser obtida para estas questões em aberto, o certo é que a proximidade entre os monumentos, escassas centenas de metros, reforçada pelas similitudes referidas, permite que os consideremos funcionalmente como um mesmo conjunto, uma necrópole construída por um único grupo, ou por vários, que teriam assim consagrado um espaço funerário comum. Recorde-se que, a acreditarmos que as placas de xisto com gravação geométrica já existiam localmente ao momento da construção de OP1 e o seu uso se manteve ao longo de toda a sua utilização, pelo menos 134 inumações teriam aí tido lugar. Se lhe acrescentarmos o «ídolo chato» (1 exemplar) e os báculos (7), presumindo que a cada um corresponderia outra inumação, teríamos um mínimo de 142 indivíduos, o que é, presumivelmente, o número mais elevado conhecido em monumentos de

Reguengos. Mas não sendo impossível que os báculos fossem cumulativos com as placas de xisto, teríamos mesmo assim um mínimo de 135 enteramentos, o que continua a ser bastante.

Não temos ainda informações sobre a primeira fase de inumações em OP2, mas as grandes dimensões da sua Câmara permitem levantar interessantes questões e hipóteses preditivas.

São assim dois monumentos, constituindo uma necrópole, correspondendo a áreas de habitação ainda não completamente identificadas.

#### *OP1*

É um grande monumento, que ao tempo os Leisner consideraram como «um dos maiores do País» (Leisner, 1951: 236). Construído segundo uma fórmula «clássica» no megalitismo alentejano (7 esteios, seis dos quais organizados a partir de um central, a *cabecreira*), possuía uma Câmara de grandes dimensões, 4 X 5.6 m, com um esteio a atingir os 4.4 m de altura e restos de um chapéu com 1 m de espessura. O comprimento reconhecido para o Corredor atinge 8.6 m.

Se arquitectonicamente o monumento apenas se distingue pelas suas dimensões, as maiores na região, o espólio votivo apresenta algumas características da maior importância. Esqueceremos agora as simplesmente morfológicas, para sublinharmos as que envolvem significado a nível dos contactos interregionais e das quais sublinharei:

1. presença de placas de xisto com motivos e combinatórias exactamente similares aos de outros grupos megalíticos;
2. presença do «ídolo chato» ou «almeriense»;
3. presença de cerâmica com os símbolos da Deusa dos Olhos de Sol;
4. presença das pequeninas estatuetas de lagomorfos (os «coelhos votivos» de osso, xisto ou pedra verde);
5. presença dos alfinetes de cabelo de cabeça postíca canelada;
6. presença de discos cranianos de trepanação;
7. falange animal afeiçãoada.

A maior parte de estes elementos refere-se ao que provavelmente pode ser considerado o segundo de dois momentos específicos, muito próximos no tempo, da evolução das comunidades do Neolítico final, já em transformação interna pelos efeitos da Revolução dos Produtos Secundários.

Outros artefactos provenientes de OP1 têm, porém, que ver com situações regionais específicas:

– a cerâmica decorada com incisões verticais de OP1 é idêntica à de Passo I e...TESP3.

– a cerâmica com carenas baixas é associável à de TESP3, mas recorda sobretudo os *tholoi* de Huelva (Márquez e Leisner, 1952);

– os pequenos copos cerâmicos de fundo espesso têm correlações conhecidas com Huelva e com a Península de Lisboa, onde não são desconhecidos em grutas artificiais e *tholoi*.

#### OP2

A anta 2 do Olival da Pega começou a ser escavada em 1990. Trabalhos que vieram confirmar os argumentos invocados para uma intervenção imediata.

Os Leisner tinham considerado OP2 como «restos de um grande dolmen», um «dos mais belos monumentos do concelho» (1951: 252), provido de uma Câmara de 3.4 X 4 m, ainda coberta por «enorme chapéu» (*ibid.*), de 4 X 5 m.

Sobre o Corredor escreveram: «não é visível, talvez ainda existam restos por baixo do *tumulus*...».

Hoje, após cerca de 180 dias de trabalho no monumento, num total de 240 previstos, é possível avançar já algumas conclusões

1. OP2 não é apenas uma anta, mas um verdadeiro complexo funerário, que inclui um dolmen de corredor muito longo, actualmente 16 m, (OP2a) e 4 áreas funerárias posteriores, anexas, partindo ou do Corredor primitivo, transformado, ou a ele anexas, 1 individual, 2 colectivas e outra cuja natureza não está ainda determinada;

2. muito provavelmente a 2ª área a ser construída, conectada ao lado esquerdo do Corredor, foi OP2b, um *tholos* com Câmara de tipo alentejano-andaluz, com duas grandes fases de utilização e sete camadas de deposições;

3. a construção de OP2b implicou alterações na área mesial do Corredor primitivo e a sua «condenação» a montante por uma estrutura de lajes alongadas e blocos de xisto grauváquico;

4. a última deposição funerária neste complexo usou o exterior de uma das 2 grandes estelas ortostáticas, que estariam originalmente colocadas na vertical à entrada do Corredor e se apresentavam cobertas de «cavinhas». Foram posteriormente colocadas como ortóstatos, prolongando para 16 m o comprimento do Corredor. A nova área funerária consistiu na colocação de um indivíduo, acompanhado por espólio que incluía uma ponta de projectil, de metal. O conjunto foi coberto por um amontoado maciço de pedras recuperadas do *tumulus* e servido por um acesso pavimentado com lajes de xisto.

#### OP2b

O *tholos* OP2b revelou-se uma fonte fundamental para o conhecimento das práticas funerárias da primeira metade do 3º milénio na região de Reguengos e a proveniência extraregional, ou, no mínimo, da sua inspiração, levanta interessantíssimas questões.

Recordo algumas:

1. a nível artefactual

O elevado número de ofertas votivas, ou de elementos de adorno pessoal, ficando claro o carácter provisório da contagem, uma vez que a lavagem das muitas dezenas de sacos de ossos recolhidos continua a revelar alguns elementos de interesse, nomeadamente alfinetes de cabelo e pequenas contas de colar. Os números são os seguintes:

dormentes: 2 (1 duplo)

lâminas: 123

lamelas de quartzo hialino: 2

pontas de seta: 29

pontas de dardo: 1

«alabardas»: 2

lasca de sílex: 1

seixos de talhe languedocense: 2

artefactos de pedra polida: 2

«alfinetes de cabelo»: 63 (a que se deverá adicionar nº por determinar, em recolha de ossos recolhidos em bloco e em actual lavagem)

cabeça canelada de alfinete: 1

contas de colar: 12 + 1 colar com 584 contas

cerâmica: 158 registos, mais de 60 vasos completos

punhal de cobre: 1

pequena estatueta de raposa: 1, de osso, intacta

falanges afeiçoadas (1 com vestígios de pintura): 3

placas de xisto: 39, muitas completas

possíveis cabos de báculo: 2

2. a distribuição de estes registos pelas camadas é a seguinte, sendo conveniente recordar, para o caso da cerâmica, que um vaso pode ter um único registo ou vários, neste último caso se resultar da colagem de vários fragmentos com registo individual.

3. algumas associações espaciais artefactos/restos humanos são evidentes, denunciando enterramentos e as respectivas ofertas votivas. Assim:

da 1ª grande fase de utilização do monumento

– Enterramento VF3/G10a (chamado «do fundador»)

1. traços bem definidos de ossos compactados;

2. placa de xisto G10-164 (que, tal como a lâmina G10-163, se encontrava sobre o peito do indivíduo);

3. lâmina G10-163;

4. ponta de seta G10-176.

– Enterramento VF2/G9-G10a

1. calote craniana e ossos G9-35;

2. fauna G9-35;

3. colar com 584 contas (84 de xisto) G9-37;

CAMADAS → REGISTOS	VF3 □	VF2 □	VF1 □	total- -Fase 1	P2	P1	total- -Fase 2	D	total- -Fase 3	totais
calotes cranianas (fragm <sup>tos</sup> )	0	17	101	118	1	0	1	0	0	119
lasca de sílex	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1
seixos talhe languedocense	0	0	0	0	0	2	2	0	0	2
lâminas	4	31	72	107	11	4	15	2	2	123
lamelas de quartzo hialino	0	2	0	2	0	0	0	0	0	2
pontas de seta	6	5	15	26	1	0	1	1	1	>28
ponta de dardo	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1
«alabardas»	0	0	2	2	0	0	0	0	0	2
artefactos de pedra polida	0	0	1	1	0	1	1	0	0	2
dormentes	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2
alfinetes de cabelo	0	11	52	63	0	0	0	0	0	>63
idem, de cabeça canelada	0□	0□	1□	1□	0□	0□	0□	0□	0□	1
artefactos ni de osso polido	0	n	n	n	0	0	0	0	0	n
contas de colar	1	584	0	585	1	0	1	0	0	>586
figurinha zoomórfica (raposinha)	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1
dormentes	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2
cerâmica	0	5	10	15	61	75	136	7	7	158
ídolo-falange	0	0	3	3	0	0	0	0	0	>3
placas de xisto	1	1	1	3	10	22	32	4	4	39
possíveis cabos de báculo	0	0	2	2	0	0	0	0	0	2
punhal de cobre	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1

Notas:

ni = não identificados

n = nº em determinação (lavagens de ossos recolhidos em bloco têm vindo a aumentar os baixos números iniciais).

figurinha zoomórfica = figurinha de osso representando muito provavelmente uma raposa

possíveis cabos de báculo = peças de xisto com o aspecto de cabos de báculo, mas não decoradas.

4. estatueta de raposinha G10-121<sup>3</sup>;

5. lâminas G9-38 e G9-39;

6. alfinete (?) G9-36;

da 2ª grande fase de utilização do monumento

– Enterramento P2/G11a

1. mancha indeterminável com rigor de ossos destruídos;

2. punhal de cobre G11-43;

3. conta de pedra verde G11-45;

4. placa de xisto «atarracada» G10-47;

5. ponta de seta G10-46;

6. vaso G11-40.

4. a nível de práticas pré-funerárias

– placas circulares resultantes de trepanações cranianas.

5. a nível dos ritos fúnebres

– presença eventual de ocre vermelho;

– fogos rituais e de higienização;

– estrutura de condenação total, em superfície, do monumento, ao iniciar-se a segunda grande série

de deposições funerárias;

– utilização de «almofadas» de pedra para apoio dos crânios;

– reutilização de placas de xisto provenientes de outros enterramentos (da Câmara?);

– prática sistemática de primeiras inumações, detectáveis por ossos ainda em conexão anatómica (vértebras) e pela disposição dos artefactos de adorno pessoal (alfinetes de cabelo).

A todos estes factos haveria que acrescentar muitos outros que, por estarem ainda em estudo, não se considera conveniente avançar desde já.

#### *Algumas considerações finais*

Talvez não seja o menos interessante, para além de artefactos e estruturas, a permanência e o progressivo desaparecimento de ritos e comportamentos perante a morte, as mudanças específicas registadas ao longo da diacronia, a morte dos símbolos.

<sup>3</sup> Esta pequena figurinha, recolhida intacta, representa um animal, ou um cão de cauda comprida ou uma raposa, sendo esta última a minha interpretação pessoal. Como o enterramento era acompanhado por um crânio de animal, talvez a sua classificação permita a escolha de uma interpretação eventualmente coincidente com o animal representado.

mentos de Poço da Gateira 1, que aceitamos situarem-se na primeira metade do 4º milénio, até OP2. Trata-se do simbolismo do ocre vermelho. E dos fogos rituais ou de higienização.

O simbolismo do ocre está, com efeito, presente em diversos monumentos de Reguengos, mas é legítimo interrogarmo-nos sobre mudanças intrínsecas: o hábito registado em Poço da Gateira 1 de usar grandes quantidades de corante (a tal ponto grande que os artefactos votivos foram literalmente ensopados pela mistura e ainda hoje se apresentam cobertos por um quase engobe vermelho), parece desaparecer em monumentos posteriores, sendo muito menor a quantidade do ocre registada em OP2, por exemplo.

Os fogos rituais podem ou não estar relacionados com uma prática registada na Andaluzia e, posteriormente, na Anta da Bola da Cera, em Marvão<sup>4</sup>, onde se encontraram restos humanos, tal como na Andaluzia, objecto de cremação parcial destinada a carbonizar a área das vísceras. Fogo ritual ou fogo de higienização, a escolha não é aqui possível. Mas em diversos monumentos de Reguengos, de distintas épocas, verificaram-se fogos específicos de higienização, que atingiram toda a área então descoberta do interior dos monumentos. O caso mais evidente é sem dúvida o de OP2b, onde, antes da colocação da estrutura de «condenação» da Câmara, foi aceso um fogo geral que conduziu o interior do monumento a elevadíssimas temperaturas, fazendo inclusivamente «arder» o sílex e o *chert*.

Outra prática que evolui de forma interessante é a da deposição de placas de xisto sobre os despojos reinumados do morto, ou mesmo sobre o cadáver. Nas 2 antas do Poço da Gateira, em quatro das cinco dos Gorginos e nas 2 das Vidigueiras, por exemplo, não se registaram quaisquer placas, enquanto nos grandes monumentos elas estão presentes em quantidade variável, por vezes muito elevada, recordemos as 134 de OP1 e as 39 de OP2b.

Confirmando uma minha proposta anterior (Gonçalves, 1989b) o uso das placas é verificado em Reguengos nos monumentos da 2ª metade do 4º milénio e nos da 1ª metade do 3º, sendo nestes, por vezes, usados reaproveitamentos de placas anteriores, talvez provenientes de monumentos saqueados.

Significativamente, a pequena placa com olhos solares do Corredor de OP2 apresenta já uma gravação tão caótica que bem pode ser colocada na fase final deste uso mágico-religioso. Não está aliás sem companhia: placas de outros *tholoi* evidenciam a mesma situação e não esqueçamos que o tramo inicial do corredor de OP2 é exactamente a área de acesso e passagem usada pelos construtores de OP2b para acederem ao seu próprio monumento.

A própria chegada da Deusa com Olhos de Sol recoloca várias questões, tal como o «ídolo chato» o

fizera, na minha interpretação, colocando a Deusa Mãe dos conjuntos neolíticos perante um Jovem Deus emergente, o mesmo que as mitologias mediterrânicas por diversas vezes consagram.

Finalmente, referir-me-ia à própria maneira como o morto é colocado nos monumentos.

Uma primeira verificação diria que, presumivelmente na primeira metade do 4º milénio (Poço da Gateira 1), se praticam inumações directas, na segunda metade do 3º milénio, segundas inumações, e que em todo o 3º milénio são de novo constatáveis primeiras deposições.

Há aqui, provavelmente, 2 momentos de ruptura. As inumações directas poderiam ser uma prática local, eventualmente generalizada na 1ª metade do 4º milénio, que se interrompe com a construção dos grandes monumentos, justamente os que registam claramente contactos interregionais diversificados e assinalam um considerável crescimento demográfico, enquanto o colapso destas «sociedades simples» (Gonçalves, 1994b) poderia ter originado a desaparecimento de este costume funerário, substituído pelas primeiras inumações, típicas dos grupos de arqueometalurgistas, construtores de grutas artificiais e de *tholoi*.

## 7. Síntese provisória

*Um breve ponto da situação, prospectivo, isto é: particularmente perspectivado em função das grandes linhas de pesquisa em desenvolvimento.*

Poderíamos começar o traçado genérico de uma imagem prévia, com um comentário que recentemente subscrevi:

*Anichados num eco-sistema privilegiado, com boas terras, água, combustível, matéria-prima abundante para a construção dos seus monumentos funerários, os grupos que se sucederam em Reguengos de Monsaraz no 4º e no 3º milénio tinham o suporte local necessário a um desenvolvimento interno específico. Mas a estratégia de implantação dos povoados do 3º milénio, e sobretudo as fortificações do Monte Novo dos Albardeiros, mostram novas preocupações com a defesa. E a localização nas bordas do espaço de melhor aproveitamento dos recursos poderia indicar a chegada de grupos hostis, portadores da metalurgia e de um novo sistema social.*

Da emergência e evolução das sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz temos, é certo,

uma imagem extremamente nebulosa, no que se refere ao momento das origens. A imagem apenas

<sup>4</sup> Informação oral de Jorge Oliveira, que se agradece.

começa a estabilizar quando nos aproximamos do que, em anos de calendário, cabe num milénio decisivo, o que abrange a 2ª metade do 4º e a primeira metade do 3º milénio.

A nível da estratégia do povoamento, assistimos a uma primeira fase, que ocupa quase todo o 4º milénio, em que os sítios de povoamento se localizam sobre as terras de boa capacidade agrícola, sem qualquer preocupação defensiva aparente. O colapso de estas sociedades, caracterizadas pela relativamente pequena área que os povoados ocupam, o que traduz a reduzida dimensão dos grupos, parece coincidir com a chegada das sociedades agro-metalúrgicas, cuja estratégia de povoamento corresponde a lugares centrais fortificados ou bem destacados na paisagem, apoiados por redes de povoamento que envolvem grupos mais pequenos, dispersos pelos territórios controlados.

Sobre estes último grupos, sabemos que não estão já activos em meados do 3º milénio, sem que se vislumbrem as causas do seu colapso.

A nível da simbólica, o papel e a importância do pastoreio e da agricultura, traduzido pela desflorestação, encontra-se representado nos ritos fúnebres de Poço da Gateira 1, onde o machado, a enxó e a goiva, instrumentos relacionados com o abate de árvores, o seu descasque e transformação em tábuas e artefactos, são componentes intermutáveis empunhados pelos mortos na sua última viagem.

À parte os corniformes de TESP3, pouco sabe-

mos sobre a simbólica da segunda metade do 4º milénio. Talvez alguns menires, cuja construção pode remontar a períodos anteriores, expressem controlos de territórios, *axis mundi* e ritos de fertilidade. Como Xarez ou Perdigões seriam santuários (sobre cujo funcionamento nada sabemos). Afinal, o Sol do menir da Belhoa pode nada ter que ver com a simbólica da Deusa, tal como acontece com tantos outros sóis, em outros contextos europeus.

A nível de uma aspecto específico da simbólica, a leitura da paisagem, e como escreveu Ingold (1993: 152), «...a paisagem conta – ou melhor: é – uma história. Envolve vidas e tempos de predecesores que, através de gerações, nela se movimentaram, contribuindo para a sua formação». A paisagem de Reguengos só pode ser entendida globalmente, considerada a coerência geomofológica que a área apresenta. Fortemente delimitada a Norte pela Serra das Pedras, a Este por Monsaraz, a Sul pelo relevo que se estende até ao Degebe, a planície de Reguengos foi realmente um amplo contentor de gentes. Mas um contentor aberto, a Sudeste, aos caminhos que levam à Andaluzia e a Oeste aos que, pelas actuais áreas de Évora e Montemor, conduzem às Penínsulas de Lisboa e Setúbal.

Uma longa história de gentes, boas terras, símbolos e caminhos, afinal.

Lisboa, Verão de 1994  
(Correcções finais no Verão de 1995)

## Bibliografia geral. Textos de referência ou sobre os quais se baseiam observações, se fundamentam comentários ou se estabelecem comparações

### Abreviaturas

- Arch. Port.: O Archeologo Português, 1ª Série  
 BSPF: Bulletin de la Société Préhistorique Française  
 CNAP: Congresso Nacional de Arqueologia – Portugal  
 CPH: Cuadernos de Prehistoria e Arqueologia  
 CPUG: Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada  
 CUP: Cambridge University Press  
 CWA: Cambridge World Archaeology (CUP)  
 EAE: Excavaciones Arqueológicas en España  
 GEAP: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto  
 HA: Huelva Arqueologica  
 IAC: Instituto para a Alta Cultura  
 IAFLP: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.  
 INIC: Instituto Nacional de Investigação Científica  
 MAEDS: Museu de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto

MM: Madrider Mitteilungen

NDA: New Directions in Archaeology (CUP)

NSA: New Studies in Archaeology (CUP)

Rev. de Guim.: Revista de Guimarães

SA: Setúbal Arqueológica

SGP: Serviços Geológicos de Portugal

SPAE: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

TAE: Trabalhos de Antropologia e Etnologia

UNIARQ: Unidade de Arqueologia (*Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*)

## Bibliografia

Barret, John; Bradley, Richard, e Green, Martin (1991) – *Landscape, Monuments and Society. The prehistory of Cranborne Chase*. Cambridge: CUP.

Blasco Rodríguez, Blasco, e Ortíz Alesón, Manuel (1991) – *Avance al estudio del sepulcro de corredor de «Huerta Montero» (Almendralejo, Badajoz)*. STVDIA ZAMORENSIA. Salamanca: Ediciones Universitarias de Salamanca. Colegio Universitario de Zamora. XII. p. 101-110.

Cameron, Catherine M. (1993) – *Abandonment and archaeological interpretation*. In Cameron e Tomka, 1993: 3-7.

Cameron, Catherine M., e Tomka, Steve A. (1993) – *Abandonment of settlements and regions. Ethnoarchaeological approaches*. Cambridge: CUP.

Carrilero, Manuel; Martínez Gabriel e Martínez, Julian (1982) – *El yacimiento de Morales (Castro del Rio, Cordoba)*. La cultura de los Silos en Andalucía Occidental. CPUG. Granada: Universidad 7, p. 171-207.

Cerdán Márquez, Carlos, Leisner, Georg e Vera (1952) – *Los sepulcros megalíticos de Huelva, Madrid*.

Chapman, Robert; Kinnes, Ian e Randsborg, Klavs, eds. (1981) – *The archaeology of death*. NDA. Cambridge: CUP.

Cribb, Roger (1991) – *Nomads in archaeology*. Cambridge: CUP. NSA.

Gonçalves, José Pires (1970) – *Menires de Monsaraz*, Arqueologia e História, Série IX, 2, Lisboa

Gonçalves, José Pires (1972) – *Arte Rupestre de Monsaraz*, Arquivos do Centro Cultural Português, V, 489-502, Paris

Gonçalves, José Pires (1975) – *Roteiro de alguns megalitos da região de Évora, Évora*

Gonçalves, José Pires (1976) – *Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz*, in V Congreso de Estudios Extremeños, Badajoz.

Gonçalves, Victor S. (1987) – *O povoado pré-histórico da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a*

*Campanha 1(88)*. Portugal. Porto: IAFLP. Nova Série. 8. p. 7-16.

Gonçalves, Victor S. (1988/89) – *A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)*. Portugal. Porto: IAFLP. Nova Série, 9-10, p. 47-60.

Gonçalves, Victor S. (1989a) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ, 2 vols.

Gonçalves, Victor S. (1989b) – *Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular*. 1. *Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular*. Almansor. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal. 7. p. 289-302.

Gonçalves, Victor S. (1990) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: o caso da Parede (Cascais, Lisboa)*. Arquivo de Cascais. Cascais: Câmara Municipal. 9. p. 13-44.

Gonçalves, Victor S. (1990-91) – *TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz)*. Portugal (Nova Série). Porto: IAFLP. 11-12. p. 53-72.

Gonçalves, Victor S. (1991) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: 2. algumas breves considerações sobre as chamadas taças carenadas e a primeira metade do 3º milénio em Portugal*. Arquivo de Cascais. Cascais: Câmara Municipal. 10. p. 81-120.

Gonçalves, Victor S. (1992) – *Revedo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC

Gonçalves, Victor S. (1993) – *Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular*. 3. *A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar*. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa. 5ª Série. 15. p. 41-47.

Gonçalves, Victor S. (1994a) – *A primeira metade do 3º milénio no Centro/Sul de Portugal. Algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis*. TAE. Porto: SPAE. Actas do 1º Congresso Peninsular de Arqueologia. 1993.

Gonçalves, Victor S. (1994b) – *O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas*. *Actas do Seminário sobre Megalitismo no Centro de Portugal*. Mangualde. 20-22 de Novembro de 1992

Gonçalves, Victor S. (*no prelo, a*) – *3 datas de radiocarbono para a construção e primeiros níveis de utilização*

*do tholos OP2b (Reguengos de Monsaraz)*. I Simpósio «transformação e mudança». Cascais, 1993.

- Gonçalves, Victor S.; Calado, Manuel e Rocha, Leonor (1992) – Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. SA. Setúbal: MAEDS. IX-X. p. 391-412.
- Gregg, Susan Alling (1988) – Foragers and farmers. Population Interaction and Agricultural Expansion in Prehistoric Europe. Chicago: The University of Chicago Press.
- Guilaine, Jean, (1991) – Vers une Préhistoire agraire. In Guilaine, Jean, ed., 1991: 31-80
- Guilaine, Jean, ed. (1991) – Pour une Archéologie agraire. Paris: Armand Colin.
- Hassan, Fekri A. (1981) – Demographic Archaeology. New York: Academic Press.
- Ingold, Tim (1993) – The temporality of the landscape. World Archaeology. Londres: Routledge. 25. 2. p. 152-174.
- Jorge, Vítor Oliveira (1986) – Polymorphisme des tumulus préhistoriques du Nord du Portugal: le cas d'Aboboreira. BSPF, 83, 6, p. 177-82.
- Jorge, Vítor Oliveira (1989) – Arqueologia social dos sepulcros megalíticos: conhecimentos e perspectivas actuais, Revista da Faculdade de Letras do Porto, II Série, 6: p. 365-443
- Jorge, Vítor Oliveira (1990a) – Contextos religiosos do megalitismo. Arqueologia em construção. Ensaios. Lisboa: Presença. p. 211-240.
- Jorge, Vítor Oliveira (1990b) – «Monumentalização» e «necropolização» no megalitismo europeu». Arqueologia em construção. Ensaios. Lisboa: Presença. p. 243-249.
- Joyce, Arthur A., e Johannessen, Sissel (1993) – Abandonment and the production of archaeological variability at domestic sites. In Cameron e Tomka, 1993: 138-153.
- Kalb, Philine (1981) – Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgraber. MM. Mainz, Verlag Philipp von Zabern. 22. p. 55-77
- Kalb, Philine (1989) – O Megalitismo e a neolitização no Oeste da Península Ibérica. Arqueologia. Porto: GEAP. 20. p. 33-46.
- Kent, Susan (1993) – Models of abandonment and material culture frequencies. In Cameron e Tomka, 1993: 54-73
- Kirk, Trevor (1993) – Space, Subjectivity, Power and Hegemony: Megaliths and Long Mounds in Earlier Neolithic Brittany. In Tilley, 1993: 181-223.
- Leisner, Georg e Vera (1951a) – As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz, Lisboa: IAC (reeditado por INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985)
- Leisner, Vera; Zbyszewski, Georges, e Ferreira, O. da Veiga (1969) – Les monuments préhistoriques de Praia das Maças e Casaínhos. Lisboa: SGP.
- Martín de la Cruz, Jose Clemente (1985) – Papa Uvas I, Aljaraque, Huelva, Campañas de 1976 a 1979, EAE, 136, Madrid: Ministerio de Cultura.
- Martín de la Cruz, Jose Clemente (1986a) – Papa Uvas II, Aljaraque, Huelva, Campañas de 1981 a 1983, EAE, 149, Madrid: Ministerio de Cultura.
- Martín de la Cruz, Jose Clemente (1986b) – Aproximación a la sequencia del habitat en Papa Uvas (Aljaraque, Huelva). Homenaje a Luis Siret. Junta de Andalucía. p. 227-242.
- Martín de la Cruz, Jose Clemente (1989) – L' insediamento neolitico e calcolitico di Papa Uvas, in Interpretazione funzionale dei "fondi di capanna" di età preistorica, pp. 82-90, Milano: Instituto italiano per l'archeologia sperimentale.
- Martín de la Cruz, Jose Clemente; Gomez Pascual, M. J., M. T. Alvarez, y Chaves, P. (1985) – Nueva interpretación sobre los poblados en el estuario del Tinto-Odiel. Huelva, HA, 7, pp. 161-206.
- Molina Lemos, L. (1980) – El poblado del Bronce I de El Lobo. Noticiario Arqueologico Hispano, 9, Madrid: Ministerio de Cultura.
- Nogueira, Pedro Manuel (1887) – Memória histórica do concelho de Reguengos de Monsaraz. O Instituto. 2ª série. 7. p. 355.
- Pina, Henrique Leonor (1961) – A Anta da Herdade do Duque, Rev. de Guim, 71, p. 13-26, Guimarães
- Pina, Henrique Leonor (1963) – A Anta [2] da Azinheira (Reguengos de Monsaraz), TAE. Porto: SPAE, p. 25-46,
- Pina, Henrique Leonor (1971) – Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora, Actas do II CNAP, I, 1p. 51-162, Coimbra
- Pina, Henrique Leonor (1976) – Cromlechs und Menhire bei Évora in Portugal, MM. Heidelberg: F. H. Kerle Verlag. 17. p. 9-20,
- Piñón Varela, Fernando, e Bueno Ramírez, P. (1985) – Estudio de las colecciones de materiales procedentes de La Dehesa (Lucerna del Puerto) y El Judio (Almonte). Testimonios sobre la ocupación neolítica del litoral onubense. HA. 7. p. 107-160.
- Richards, Colin (1993) – Monumental choreography: architecture and spatial representation in Late Neolithic Orkney. In Tilley, 1993: 143-178.
- Ruiz Mata, D. e Martín de la Cruz J. Clemente (1977) – Noticias preliminares sobre los materiales del yacimiento de Papa Uvas (Aljaraque, Huelva). CPA. Madrid: Universidad Autonoma 4, p.
- Soares, Joaquina, e Silva, Carlos Tavares da, (1992) – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. SA. Setúbal: MAEDS. IX-X. p. 37-88.
- Tainter, Joseph (1988) – The Collapse of Complex Societies. Cambridge: CUP. NSA.
- Thomas, Julian (1993a) – The hermeneutics of Megalithic Space. In Tilley, ed, 1993: 73-97.
- Thomas, Julian (1993b) – Discourse, Totalization and 'The Neolithic'. In Tilley, ed, 1993: 357-394.
- Thomas, Julian, e Tilley, Christopher (1993) – The Axe and the Torso: Symbolic Structures in the Neolithic of Brittany. In Tilley, ed, 1993: 225-324.
- Tilley, Christopher (1993) – Interpretation and a Poetics of the Past. In Tilley, ed, 1993: 1-27.

Tilley, Christopher, ed. (1993) – Interpretative Archaeology. Berg: Providence/Oxford.

Tomka, A. Steve (1993) – Site abandonment behavior among transhumant agro-pastoralists: the effects of delayed curation on assemblage composition. In Cameron e Tomka, 1993: 11-24.

Tomka, Steve A., e Stevenson, Marc G. (1993) – Understanding abandonment processes: summary and remaining concerns. In Cameron e Tomka, 1993: 191-195

Vasconcellos, José Leite de (1894a) – Notícias várias. 1. Antas do termo de Monsaraz (Alemtejo). Arch. Port. 1. p. 222-223.

Vasconcellos, José Leite de (1894b) – Antas de Monsaraz. Arch. Port. 1. p. 279.

Whittle, A. (1988) – Problems in Neolithic archaeology. Cambridge: CUP. NSA.

Whittle, E. H., e Arnaud, J. M. (1975) – Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in central Portugal, Archaeometry, 17, 5-24, Oxford.

Yoffee, Norman (1993) – Too many chiefs? (or, Safe texts for the '90s). In Yoffee e Sherratt, 1993: 60-78

Yoffee, Norman, e Sherratt, Andrew (1993) – (Introduction) – The sources of archaeological theory. Yoffee, Norman, e Sherratt, Andrew, eds. 1993: p. 1-9

Yoffee, Norman, e Sherratt, Andrew, eds. (1993) – Archaeological theory: who sets the agenda? Cambridge: CUP

Whittle, A. (1985) – Neolithic Europe. A Survey. Cambridge: CUP. CWA.